

Introdução à Orquidofilia Brasileira

Raimundo Mesquita^()*

Uma questão metodológica.

De que orquidofilia vamos falar aqui?

A etimologia não ajuda muito, pois o significado de orquidofilia, que vem do grego *ορχηιδος* + *φιλειν* (que significa, mais ou menos, amar orquídeas) nos leva à mesma perplexidade, ou seja, expressão demasiado vaga e genérica, que dá a entender que quem gosta orquídeas, mesmo que não as cultive, é orquidófilo...

Então, orquidofilia brasileira quer dizer que todos os brasileiros e residentes no Brasil amam as orquídeas?

Até pode ser, pela magia e fascínio que essas plantas algo misteriosas, cercadas de encanto, exercem sobre as pessoas. Até hoje não encontrei ninguém que, mesmo não sendo cultivador ou apreciador de flores, diga que não gosta de orquídeas. Encontra-se, sim, quem não goste deste ou daquele gênero, mesmo entre orquidófilos (sobretudo quando não



Cattleya eldorado Linden
Foto: Kleber Garcia Lacerda



se consegue cultivar adequadamente...), e, nesse particular, a pobre *Masdevallia* parece ser campeã do desagrado no Brasil.

Como ficamos, então?

Vamos procurar por uma ordem no caos.

A mim me parece que só há uma maneira de enfrentar o dilema posto acima, que, como todo sofisma, tenderia a paralisar a minha capacidade de prosseguir neste texto em que procuro esboçar uma pequena introdução crítica à orquidofilia brasileira.

Não há outra maneira se não for a de dizer, de uma vez, o que entendo por orquidofilia, o que isto pretende significar para meu propósito de traçar um panorama da orquidofilia brasileira, inevitável e necessariamente incompleto, ou seja, de como, através de manejo e cultivo, se trata a orquídea no Brasil, como objeto de pesquisa ou de comércio, conhecimento, decoração e deleite, a enumeração não significando ordem preferencial, nem precedência.



Cattleya violacea 'Maria Luiza'.

Foto Rolf Altenburg

Vou falar de confraria, de corporação, de sociedade secreta, em suma, vou falar dos clubes de amadores e cultivadores de orquídeas, que formam esse ser particular que se chama orquidófilo, porque não existe orquidófilo sem sociedade orquidófila.

Pode, até, existir cultivador solitário de orquídeas, mas este entra na categoria de floricultor, nunca de orquidófilo, já que não terá a “linguagem da tribo”, não terá a ansiosa busca da flor mais bonita, não terá o desprezo por plantas bonitas, mas comuns, sem forma que satisfaça os melhores padrões dos mais diversos sistemas de julgamento, não terá ânsia pela planta única, etc., etc....

Assim a orquidofilia de que vou tratar é a que se pratica através da convivência entre pessoas que gostam, cultivam orquídeas e fazem delas objeto de lazer e conhecimento.



Quando começou?

Não sei e acredito que ninguém, neste país, possa dizer com precisão histórica que a orquidofilia brasileira começou na época tal, com essa ou aquela maneira. Não existem pesquisas e estou convencido de que não existam registros confiáveis a serem pesquisados. Pelo menos não os encontrei até agora nas buscas que andei empreendendo, inclusive na



Cattleya granulosa, de comum ocorrência, ainda hoje, nas regiões arenosas de costas do Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte. Foto e cultivo, Raimundo Mesquita

Biblioteca Nacional, no período que antecedeu a Conferência Mundial e que rendeu material para algumas publicações em Orquidário. Existem, é certo, algumas informações esparsas e uns poucos registros, que indicam que o interesse pela orquídea começou, quase contemporaneamente com a orquidicultura europeia (como sempre acontece no Brasil...), seja pelo intercâmbio cultural das elites endinheiradas, seja em razão da convivência de brasileiros com coletores estrangeiros que eram enviados para cá, no interesse da ciência ou do comércio europeu de flores.

Há, por outro lado, uma vertente nacional de interesse científico, que, sem dúvida, teve expressiva importância no desenvolvimento da orquidofilia brasileira: Frei Velloso, Alexandre Rodrigues Ferreira, Freire Alemão, Barbosa Rodrigues, Hoehne e, mais recentemente, no campo da divulgação de conhecimento e práticas de cultivo, João Decker, Waldemar Silva e Mercedes Silva Ramos (creio que seria valioso e útil levantar um catálogo crítico da bibliografia brasileira sobre orquídeas).

Num segundo estágio e já fixado, por assim dizer, o interesse, o gosto pelo cultivo se acentua a partir de cessão ou permuta de espécies brasileiras por gêneros e espécies estrangeiros que cultivadores brasileiros faziam com marinheiros de navios mercantes estrangeiros que atracavam nos nossos portos. Além disso, a orquídea, como objeto de coleção, despertava crescente interesse da elite que visitava a Europa ou que se educava ali e que, de volta, trazia refinamentos aprendidos nas exposições de flores e nas visitas aos estabeleci-



mentos comerciais principalmente da Bélgica e da Inglaterra. Não devemos esquecer, outrossim, os imigrantes que nos traziam hábitos e interesses, como é o caso mais eminente dos asiáticos trazendo-nos lindas plantas de seus países, com preferência por *Cymbidium*, *Dendrobium*, *Vanda* e *Phalaenopsis*.

Assim, a protohistória do cultivo de orquídeas no Brasil há que ficar nas generalidades, suposições e nos mitos.

Mas, como no Brasil tudo começou com os índios, devo registrar que foram eles os primeiros “cultivadores” ou, pelo menos e isto com razoável segurança, os primeiros adoradores e formuladores de mitos (cf. minha introdução a Francisco Miranda “Orquídeas da Amazônia Brasileira”, EXPED, 1996, e Ciência Hoje, revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 5, nº 28, jan./fev. de 1987).

Entre os rituais tribais estavam e, segundo consta, ainda hoje, estão os de coleta de orquídeas, para finalidades mágicas, de medicina, cosmética e, talvez até mesmo, para enfeite, o que, do ponto de vista que defendi acima, considero uma primeira manifestação de orquidofilia brasileira.

O Arquipélago, ou, melhor dizendo, os Arquipélagos.



Cattleya labiata autumnallis ‘Cooksoniae’.
Cultivo e foto, Raimundo Mesquita

Na palestra inaugural da 15ª Conferência Mundial sobre Orquídeas, ao apresentar a Orquidofilia Brasileira, aos visitantes presentes (cf. Atas da 15ª Conferência Mundial sobre Orquídeas. 1996, ed. Naturalia, pag. 29 ss), para simplificar e facilitar a compreensão do panorama que traçava, afirmei que o Brasil orquidófilo era um arquipélago composto de cinco “ilhas”.

Estabeleci, ali, uma divisão coincidente com as cinco grandes regiões em que se costuma dividir sociológica, política e, mesmo, geograficamente, o país. Tratei tais regiões como províncias orquidófilas, sabendo, embora, que as partes que compõem tais regiões têm individualidades muito específicas que as distinguem completamente de cada um dos outros componentes da “província”.





Laelia purpurata Venosa, num feliz cruzamento de Amândio Pinho Caetano. Foto e cultivo, Raimundo Mesquita

Ou seja, é cada vez mais forte em mim a convicção de que o “Arquipélago” é formado de tantos outros arquipélagos... Vou exemplificar com a Região Norte, sobre que, naquele texto, tive o cuidado de ressaltar que, à imensidão da área, correspondia uma enorme diversidade, geográfica, cultural, de ocorrências vegetais, etc. Isto torna-se muito importante de destacar já que a linha motriz que segui naquele trabalho e que ainda me parece válida era a de que o interesse florístico regional se desenvolve em torno das principais ocorrências locais, como, para

exemplificar, *Cattleya eldorado* (pag. 5), no Amazonas, *Cattleya violacea* (pag.6), no Mato Grosso e Rondônia, *Cycnoches*, *Mormodes*, *Accacalis*, *Cattasetum*, no Pará e por aí afora...

O Nordeste em torno de *Cattleya labiata* (pag. 8) e *C. granulosa* (pag. 7), apenas para citar duas espécies muito apreciadas.

A Bahia, que já teve uma grande tradição orquidófila, com Ernani Urpia e José Martins Catharino, entre outros, é hoje uma indefinição, a pesar de sua maravilhosa e rica flora orquidácea que rivaliza com as de Minas Gerais e Espírito Santo. Basta enumerar algo do seu acervo: *C. warneri*, *elongata*, *kerri*, *amethystoglossa*, *acklandiae*, *tenuis*, etc. *Laelia*: *sincorana*, *bahiensis*, etc.

O Espírito Santo e Minas Gerais, cultuando principalmente *C. warneri*, *C. schilleriana* (pag. 12), *C. walkeriana*, *Laelia jongheana* e os estados do sul, com *Laelia purpurata* e *C. intermedia* (pag. 9 e 11), enquanto que no Rio e São Paulo o interesse orquidófilo apresenta um maior ecletismo, com grande presença de híbridos nas coleções.

É certo que é demasiado esquemática esta redução que faço da atividade orquidófila nacional e, também, está claro que não é o propósito aqui reproduzir um tema que pretendo ter esgotado naquele trabalho apresentado à 15ª Conferência. O que quero, agora, é, simplesmente, destacar a diversidade de interesse das sociedades orquidófilas, de certa maneira relacionado com ocorrência e abundância de determinados gêneros e espécies naquela região, o que faz dessas sociedades orquidófilas seres muito particulares, “ilhas integrantes de um arquipélago”.

Mas, como todos sabemos, o que faz um arquipélago não é, apenas, ser



sempre formado por um conjunto de ilhas, mas o fato de essas ilhas integrarem um conjunto, uma cadeia.

Assim também a orquidofilia brasileira, que se comunica pouco entre si, mas tem a ligá-la, pelo menos, o interesse pela orquídea. Este o sistema que forma o “arquipélago”...

A organização nacional inexistente.

Parece-me inegável que a orquidofilia brasileira ganharia muito se se organizasse em termos nacionais.

O porte do Brasil e sua diversidade, cultural, social, geográfica, ecológica, recomendam que, também, no que diz respeito à orquidofilia, se busque abrangência nacional. Não se pode pensar o Brasil orquidófilo em termos exclusivamente regionais, assim como, também, não se pode falar em orquidofilia brasileira sem pensar numa organização nacional que possa desempenhar certas funções de caráter geral. Uma delas, das mais eminentes, é um sistema nacional de julgamento. Existem muitas outras funções de âmbito geral que ensejariam e justificariam uma organização orquidófila “federal”, com capacidade aglutinante dos interesses orquidófilos em geral (inclusive os de caráter comercial), perante as instituições sociais e mesmo o governo e entidades científicas.

Não é difícil imaginar o que se ganharia com a intensificação da permuta de informações em caráter nacional, basta considerar como se enriqueceriam de experiência e diversidade as associações orquidófilas, que teriam, por exemplo, acesso não só a informações mas, também ao conhecimento de outros gêneros e espécies que não apenas os locais (o que determina, devo registrar, certa monotonia às coleções e faz com que as discussões fiquem, interminavelmente, restritas a variedades e nuances da planta em culto naquela localidade).

Quando se analisa de perto, estuda e observa o panorama orquidófilo brasileiro sentimos que existe a consciência madura da necessidade de que venha a existir um ente agregante das diversas tendências que caracterizam as sociedades orquidófilas locais.

Algumas iniciativas de transindividualizar o interesse orquidófilo já existem, como são os casos de organizações regionais como a Federação Gaúcha, a de



Cattleya loddigesii, ‘Imbui’.
Foto e cultivo, Álvaro Pessoa





A *Cattleya intermedia* disputa com *Laelia purpurata* a preferência dos orquidófilos, na Região Sul.
Foto e cultivo Álvaro Pessôa

Santa Catarina e, já com algumas características multiestaduais, pois agrega associações orquidófilas de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, a Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil - CAOB e, de uma maneira diferente, pois, ainda que local, é uma entidade com características nacionais, a OrquidaRIO, sobretudo depois que agregou a Sociedade Brasileira de Orquidófilos..

Tenho a crença quanto a que não demorará muito a formação dessa entidade nacional. No meu entender, um único efeito dessa organização já justificaria a sua

existência, criar uma massa crítica orquidófila de âmbito nacional, renovando os conceitos, enriquecendo as experiências dos cultivadores e, sobretudo, criando um sentimento nacional em torno dessa riqueza brasileira, diversa e dispersa, isto sem falar na possibilidade de virmos a ter uma base, econômica e científica, mais sólida, para o estudo, comércio e conhecimento das nossas orquídeas.

As sociedades orquidófilas

No quadro atual, as sociedades orquidófilas brasileiras apresentam certas características comuns, que, esquematicamente, se podem resumir assim:

a) **O dilema financeiro** - que se traduz em falta, por assim dizer, endêmica e permanente, de dinheiro. As anuidades que se cobram dos sócios é irrisória, seja por que os sócios não aceitariam pagar valores maiores, ou porque a sociedade teme que aumentando a contribuição anual, venha a perder grande número de associados, o que eliminaria os benefícios do aumento. Têm os dirigentes, por outro lado a consciência que a sociedade não oferece a seus associados serviços em quantidade e qualidade suficientes.

Os sócios, por sua vez, tendem a achar que a sociedade não precisa de mais dinheiro do que a anuidade que lhes cobra e sentem desobrigados de contribuir com mais...

Por seu lado, os orquidófilos ricos como tem acesso à informação de que necessitam e dispõem de boas fontes de suprimento, não precisam de pertencer a uma associação, nem mesmo costumam frequentar as reuniões e eventos; enquanto que os pobres não podem mais do que dão...

b) **A fórmula organizacional consagrada** - Praticamente todas as



sociedades orquidófilas brasileiras seguem um padrão de organização administrativa e de suas agendas de funcionamento:

b.1) tem sempre uma diretoria com a seguinte composição: Presidência, Vice presidência, Diretorias Técnica, de Sócios, Administrativo-Financeira e, em alguns casos, de Exposições ou Eventos.

b.2) realizam periodicamente reuniões técnicas em que se assiste a uma palestra sobre orquídea, nem sempre científica, e reuniões sociais, em que se tem oportunidade de confraternização e conversas sobre orquídeas. Algumas associações costumam realizar cursos de iniciação ou de cultivo e executam, sistematicamente, sessões de julgamento de flores trazidas às reuniões.

b.3) o grande momento das sociedades orquidófilas são as exposições que realizam, pelo menos, anualmente.

Algumas sociedades fazem um grande esforço para publicar periódicos de disseminação do interesse por orquídeas. Os dois exemplos brasileiros mais eminentes são as revistas **Orquidário**, publicada pela Orquidário-SBO, e o **Boletim** da CAOB, que já atingiram padrão de qualidade bastante razoável.

É de notar, aliás, o visível e crescente interesse por orquídea como objeto de lazer e enriquecimento intelectual, pelo movimento editorial relativo ao assunto, com crescente lançamento de livros e até mesmo revistas comerciais sobre orquídeas (Brasil Orquídeas e O Mundo das Orquídeas). Além disso multiplicam-se os sites brasileiros consagrados ao assunto, al-

guns de excepcional nível e aceitação internacional, como é o caso de Brazilian Orchids, de Delfina e Sérgio Araujo, e, mais recentemente e embora feito fora do país, o de Francisco Miranda (Miranda Orchids, Brazilian Orchids. Orchids of Brazil). Trabalhos de referência, como CDROMs sobre orquídeas de excelente feitura, aparecem a cada momento, o que permite esperar muito do futuro da orqui-



Cattleya schilleriana, planta praticamente extinta na natureza é a grande paixão dos orquidófilos do Espírito Santo.

Foto, Carlos Ivan. Cultivo, Wladislaw Zaslaswski

dofilia brasileira.

Ganham corpo, ainda, manifestações artísticas e, mesmo, científicas relacionadas com a orquídea: desenho e pintura botânicos, já existindo uma boa quantidade de artistas e ilustradores botânicos, geração que vai sucedendo artistas como Samuel Salvado, Maria Werneck e, sobretudo, Margareth Mee, esta pelo papel que exerceu no despertar do interesse e formação (que se intensificou quando fundada entidade que leva o seu nome, a Fundação Margareth Mee). Outras formas de manifestação artística, como pintura em porcelana e cerâmica. E, no campo filatélico, com alguns artistas de grande competência e qualidade e que tem levado os correios brasileiros a editarem selos de grande qualidade e beleza, com alguns colecionadores filatélicos que excelem, inclusive internacionalmente, como é o caso dos premiadíssimos José Evair Soares de Sá e Ferdinando Bastos de Souza.

Estou convencido de que esses despertar e intensificar são dos mais benéficos resultados da 15ª Conferência Mundial sobre Orquídeas.

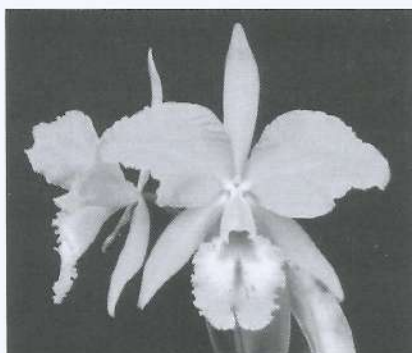
O trabalho e a pesquisa científicos. A Universidade.

Nas universidades, jardins botânicos e nos herbários, com destaque, mais uma vez, para o Estado de São Paulo (como, p. ex., a Universidade de Campinas, a ESALQ, a Seção de Orquidário do Jardim Botânico) e, mais recentemente, o Orquidário Nacional de Brasília, ligado ao IBAMA e deve praticamente tudo ao afinco de Lou Menezes), assiste-se, também, incremento do interesse pela orquídea como objeto de estudo e pesquisa, o que acaba se refletindo beneficentemente sobre as atividades das sociedades orquidófilas e sobre a capacitação do orquidófilo para melhor cultivar, assim como para conhecer melhor e ampliar o seu nível de conhecimentos.

(*) Rua Dona Mariana 73/902
22.280-020, Rio de Janeiro, RJ
e-mail: raimundo_antonio@msn.com



Cattleya Dolosa
Cultivo e foto R. Mesquita



Cattleya labiata 'Fraga'
Cultivo e foto R. Mesquita



Cattleya velutina
Cultivo e foto R. Mesquita

